

O EROTISMO PRESENTE EM CAPITU, PERSONAGEM DE MACHADO DE ASSIS

NASCIMENTO, Maria Gilda da Silva
gilda.aju@bol.com.br

Profª M.Sc. LEITE, Tânia Regina Carvalho Santos (Orientadora)
Graduada em Letras Português-Inglês, Profª do curso Letras-Português da
Universidade Tiradentes – UNIT
taniaregina@unit.br

RESUMO

Este trabalho é resultado de reflexões a partir de estudos e questionamentos sobre “o erotismo de Capitu, personagem do romance Dom Casmurro” de Machado de Assis, com o objetivo de investigar na própria obra as expressões eróticas de sua personagem no século XIX. É época em que a mulher reprimia seus desejos, camuflava o erotismo e era vista apenas como mãe, dona de casa e esposa responsável por manter sua família na mais perfeita ordem. No entanto, Capitu foge ao padrão da época, gostava de se exhibir, usar jóias, era disposta, determinada e insinuava seu interesse por Bentinho. Aos quatorze anos, já demonstrava atitudes atrevidas e era classificada com oblíqua e dissimulada com olhos de ressaca, ou seja, arrebatadores. Desde criança apresentava ações ousadas o que deixava Bentinho encantado e chocado.

É de fundamental importância destacar que as expressões eróticas vistas no romance do século XIX, diferem bastante do que seria hoje, em pleno século XXI. Capitu era a descrição da mulher no Realismo, de corpo e alma querendo exhibir sua sensualidade, mas, tolhida de seus desejos e encantos por uma sociedade repressora e de falso moralismo.

“Vamos ver o grande cabeleireiro”, disse-me rindo. Continuei a alisar os cabelos, com muito cuidado, e dividi-os em duas porções iguais, para compor as duas tranças. Não fiz logo, nem assim depressa, como podem supor os cabeleireiros de ofício, mas devagar, saboreando pelo tato aqueles fios grossos que era parte dela...” “Os dedos roçavam na nuca da pequena ou nas espáduas vestidas de chita e a sensação era um deleito...”. “Desejei penteá-los por todos os séculos dos séculos, tecer duas tranças que pudessem envolver o infinito por um número inominável de vezes.” (p. 73).

No que se refere à metodologia é de caráter bibliográfico, a partir de material já existente, como livros, artigos científicos publicados em livros e na internet. Uma pesquisa a ser construída obedecendo, portanto, às etapas rigorosas da pesquisa como: escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, busca de fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto, digitação do texto e por último a revisão literária e digital.

O erotismo presente em Capitu, personagem de Machado de Assis é tema de um artigo apresentado como exigência da disciplina TCC, sob a coordenação da professora mestra Tânia Regina Carvalho Leite, apresentado no mês de novembro do corrente ano, na UNIT (Universidade Tiradentes).

PALAVRAS-CHAVES

Erotismo, mulheres, Capitu

O EROTISMO DE CAPITU, PERSONAGEM DE MACHADO DE ASSIS

INTRODUÇÃO

A relevância desse trabalho acadêmico será de grande contribuição para pesquisa sobre as atitudes eróticas percebidas na história de Dom Casmurro. A obra analisada estimula o desejo de descobrir as possibilidades expressas pelo autor para dar um final às suas obras, já que é característica própria do autor deixa o leitor livre para a escolha ou dedução de um final que satisfaça a curiosidade e ousadia de quem ler.

Este artigo suscita a discussão sobre “o erotismo de Capitu no romance Dom Casmurro” de Machado de Assis, deixando o leitor livre para deduzir e ou concluir a obra desse grande escritor, ou mesmo, deixar ser induzido por dois ou três caminhos que lhe levem ao final da história. A finalidade deste trabalho é levantar hipóteses acerca das atitudes eróticas da personagem Capitu do referido romance frente à relação estreita de amizade com um amigo de seu marido, conhecido como Escobar. É de fundamental importância que o leitor leia com o olho crítico e procure as possíveis possibilidades para comprovar as intenções eróticas da personagem em destaque. Como o próprio autor, confessou em uma crônica, “o Lince,” publicada em 11 de novembro de 1897. *“Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto”*. (Assis, 1997).

Antes de falar no tema “o erotismo de Capitu”, é fundamental compreender o que é erotismo. Segundo o dicionário Aurélio, a palavra erotismo significa paixão amorosa, amor lúbrico, lubricidade, que expressa a sensualidade, seja esta de forma mais evidente ou menos evidente. No entanto, com relação ao tema proposto “o erotismo de Capitu” é preciso fazer uma retrospectiva do significado da palavra erotismo nas diferentes conotações da história.

Os filósofos Platão e Betaille em “O Banquete” e em “O Erotismo” respectivamente (apud BALEEIRO, 2003) enfatizam a relação do significado do erotismo no contexto da sexualidade, enfocando que esta possui suas raízes no biológico e se expressam através do próprio corpo. Seu padrão vai variar de acordo com o contexto em que está inserido, podendo não se adaptar a uma forma universal. Já o amor, este é referenciado como ilimitado, pleno e

realizador do possível, é o verdadeiro impulsionador da vida e transformador do que antes parecia estático.

Silva (2007) revela o erotismo na literatura da antiguidade até os dias atuais. Sua manifestação se dá segundo determinado meio social, pois, concebe, de forma predominante, o corpo. Mesmo na Idade Média europeia, época de repressão da Igreja Católica, existiam significativas manifestações do erotismo. Por exemplo, as cantigas de escárnio e maldizer portuguesas são alguns testemunhos de transgressão do moralismo dominante naquele período. O erotismo trafegou através dos quatro séculos passados com raras ousadias eróticas, destacando nesse período o grande poeta Gregório de Matos. Os autores que se aventuraram a tratar de sexo em poesia, quase sempre o fizeram às escondidas, apelando para pseudônimos.

Segundo o autor, o moralismo era camuflado pelo aparato religioso, a pulsação erótica trabalhou no sentido de elaborar sua vingança. Realizou-se como sátira. Assim, termos ligados ao sexo adquiriram significados fortemente agressivos que, até hoje, servem aos objetivos de uma sexualidade reprimida e por isso problemática. Na época da ditadura de Vargas (1937-1945) e a militar (1964-1984) o moralismo no país foi reforçado, mas, essa atitude aumentou o índice de prostituição, a fim de manter o poder da masculinidade dos homens da época, pois as prostitutas não podiam se dar ao prazer do orgasmo. No período o falso puritanismo permeava o discurso militar, mesmo assim, isso não impedia a exploração sexual da mulher negra pelos senhores brancos.

Ivo Mesquita (1991) declara que numa exposição no museu no século XIX, intitulada “O desejo da Academia,” foram destacadas algumas obras de arte pela sua forma, pelo clima erótico que elas expressavam. Alguns desenhos eram a verdadeira erotização do modelo pelo artista, que revelavam o desenho e o aprendizado da arte. Ele diz ainda que desde aquele momento passou a ver a produção artística do século XIX com outro interesse e começou a colecionar imagens que demonstrassem as emoções, “não mais as emoções do conhecimento institucionalizado, mas, as imagens que revelam o desejo de viver, o desejo que assegura que estamos vivos em meio ao trabalho e ao cotidiano.” Todavia as noções de erotismo e desejo estão na pulsão original do gesto criador e artístico, no entanto, o que se oficializou como “erotismo na arte”, é originário da Antiguidade como por exemplo, o culto do deus Dionísio, ou o Maneirismo, o Rococó e o Celetismo do século XIX.

Conforme afirma Mesquita, através das obras eróticas se descreve uma evolução do olhar e da produção de visualidade reconstituindo dessa forma, a renovação das linguagens. É o caso dos artistas Michelangelo e Rafael que demonstravam os nus, expressando, é claro, a beleza e o vigor físico referendados no alegórico, no mitológico e no literário. Porém, de caráter mais sedutor natural com a intenção de promover a cumplicidade com o observador, em perceber o olhar do corpo do outro, erotizando-o. Contudo, é importante destacar que o erotismo institucionalizado era ocultado sob a categoria da “estética” ou “artístico,” buscava o ideal de beleza através do alegórico, do mitológico, bíblico, histórico e temas literários de acordo com a moral da época; diferentemente do erotismo de Gabinete que trata de imagens eróticas mais perversas revelando a pulsão do desejo que suscita uma alteração no observador e instaurou na época uma nova ordem e radicalização do olhar. Já com Anita Malfatti, o erotismo revela-se a pulsão dominada definida como uma energia a serviço da construção da forma engendrada na própria Arte, confrontando com Alvin Corrêa retratando um mergulho profundo e sistemático no universo do desejo.

Para entender melhor o tema proposto “o erotismo de Capitu” personagem de Dom Casmurro, é necessário fazer investigar o papel da mulher desde a Antiguidade até o século XIX. Nessa época, Machado de Assis vivia no Rio de Janeiro, numa sociedade marcada pelo patriarcalismo, onde as mulheres eram consideradas submissas ao homem, e, por isso, lhe eram atribuídas posturas negativas; veja Capitu, dissimulada, adúltera e sensual. A sensualidade era reprimida pelo falso pudor da sociedade hipócrita.

De acordo com Tedmon (2007) , na Grécia antiga o papel das mulheres era restrito à manutenção do lar e ao cuidado para com os filhos. No Império Romano, a discriminação era semelhante. A legislação garantia ao homem, através da instituição do paterfâmia poder absoluto sobre a mulher, filhos e escravos. Durante a Idade Média, as mulheres tinham acesso à grande parte das profissões, assim como o direito à propriedade. Também era comum assumirem a chefia da família quando se tornavam viúvas. Há também registros de mulheres que estudaram nas universidades da época, porém, em número muito inferior aos homens.

Fernandes (2002) afirma que no Brasil, logo após Portugal ter tomado posse destas terras, a mulher europeia que veio para o Brasil teve uma liberdade invejável frente à opressão em que viviam as mulheres na Europa. As mulheres da classe mais baixa, ou seja, aquelas que não estavam destinadas a se casarem com os homens com algum tipo de posse ou riqueza, aquelas que tinham que trabalhar para viver poderiam ir e vir a hora que bem

entendessem, poderiam escolher seus parceiros, o pai de seus filhos, se queriam ou não continuar vivendo com quem estavam. A sociedade era bastante flexível. As mulheres, neste período, criavam seus filhos, os filhos trazidos pelos companheiros, os filhos dos vizinhos; quando estes perdiam as suas mães e os filhos que os antigos companheiros deixavam para trás quando saíam em busca de ouro. Nossa sociedade estava engatinhando, os homens, que para cá vieram, estavam em busca de um enriquecimento rápido. Eram verdadeiros andarilhos e, em cada local por onde passavam, deixavam a mulher que os havia recebido de braços abertos e que sabia que mais dia ou menos dia, seria abandonada.

De acordo com a teoria de Fernandes (idem), quando Portugal resolveu colonizar definitivamente o Brasil trouxe a Igreja para organizar e regradar a sociedade e para a mulher foi imposta uma nova conduta afim de que pudesse ser aceita na sociedade que surgia. Desse modo, aos poucos, ela foi perdendo sua liberdade porque perdia sua autonomia econômica. Foi-lhe imposto o confinamento caseiro, como deveria se comportar em público, como deveria andar e para onde olhar (chão). Todavia, para que a mulher fosse aceita como uma mulher "direita" deveria se comportar como a Igreja determinava, ao contrário, não seria bem vista; e, portanto, colocada na casa das mulheres da dita vida "fácil". Com relação ao casamento oficial, este não existia para mais da metade da população e, em alguns lugares, como na Bahia, por exemplo, 80% dos casais eram de concubinato. Assim sendo, até o século XIX, os casamentos que ocorriam na Igreja eram dos ricos para que suas filhas tivessem alguma proteção contra qualquer ato de seus maridos, que, muitas vezes, eram seus algozes. Como já foi citado, a mulher, desde a Antigüidade Clássica, foi vista como um grande útero, por isso, era comum aos homens quererem antes do "casamento" uma prova da capacidade geradora da mulher. Quando ela provava ser capaz de gerar uma criança ia então, cobrar do homem que assumisse um compromisso.

A sociedade era descrita patriarcal. O homem podia tudo, não tinham respeito pela opinião dos membros familiares e agregados. Quando casavam, as mulheres saíam do jugo de seus pais para entrarem no jugo de seus maridos, tornando-se cada vez mais submissas. Aquela que não gerava filhos poderia ser devolvida para sua família, mantida em casa sofrendo toda a sorte de humilhação ou mandada para um convento ou hospício (quando estes foram criados). Sempre com a ajuda da polícia que mediante pagamento de suas despesas, as internavam em um desses locais. (Fernandes, 2002)

Para o autor, (idem), a mulher era a grande senhora e descarregava todo o seu ódio e submissão nos corpos dos escravos e principalmente nas escravas quando ficava sabendo que seu senhor estava visitando muito seguido à senzala. Mandava cegar, arrancar a língua, retalhar seus rostos. As mulheres eram casadas muito cedo geralmente entre doze e treze anos, porque, aos quinze, os homens diziam que elas já tinham perdido o viço da juventude. Com dezoito anos já eram umas matronas, balofas e desdentadas. Quase nunca andavam. Para saírem na rua eram carregadas pelos escravos nas cadeiras de rua.

Segundo Gilberto Freyre (1933), as mulheres brancas da época desta época escapavam da loucura graças ao confessionário local onde expurgavam todos os seus ódios. Em nenhum outro local lhe seria permitido falar sobre seus anseios, sonhos e necessidades. Tudo seria resolvido com algumas rezas. Todavia, as negras mais bonitas eram escolhidas pelo sinhô para serem concubinas e domésticas, eram usadas como objeto dos desejos sádicos dos homens, do senhor de engenho ao menino adolescente, a negra sofria por parte da mulher branca os castigos mais variados. Se a beleza dos seus dentes incomodava a desdentada sinhá, esta mandava arrancá-los. A escrava adoçava a boca do senhor e recebia chicotadas por ordem da senhora, mas cumpria as tarefas que normalmente estariam destinadas à mãe de família. As damas da sociedade se casavam entre os doze e os quinze anos com homens muito mais velhos.

A Revolução Industrial trouxe uma série de transformações para a humanidade, algumas boas e outras ruins. Um dos aspectos negativos foi à corrida imperialista entre as potências industrializadas, tendo, como consequência, as guerras geradas pelas disputas de territórios. O aspecto positivo é que, com as guerras, a mulher passou a ser novamente uma personagem importante nas nações beligerantes, já que foi ela que, durante anos, sustentou a família com seu trabalho, o mesmo trabalho que, infelizmente, produziu as armas para a destruição em massa e, sem dúvida nenhuma, foi ela quem reergueu os Estados destruídos por anos de guerras.

Alencastro (1997) descreve como viviam as mulheres negras no século XIX na corte do Rio de Janeiro. As mulheres européias tinham seus filhos, mas não os amamentavam, pois, não era costume das mulheres brancas das classes elevadas, aleitarem seus filhos. Assim, era freqüente que as mucamas, escravas negras, no período pós-natal fossem alugadas por seus donos, como amas-de-leite. A prática era tão freqüente que tornou-se uma atividade econômica rendosa, sendo até publicação em jornal, para o aluguel. a relevância da

amamentação era tão evidente que até mesmo as mulheres brancas de classe econômica menos favorecida passaram a negociar se próprio aluguel como ama-de-leite.

Tedmon (idem) aborda a desestruturação do modo de produção feudal e o início do Renascimento, marcado pelo mercantilismo, formação dos Estados Nacionais e retomada do Direito romano, surgem uma série de retrocessos na condição da mulher na sociedade ocidental. As mulheres deixam de frequentar as universidades e tem grande parte de seus direitos civis (como o direito à propriedade e heranças), restritos. O universo do trabalho também se fecha às mulheres, estas passam a transitar num restrito número de profissões, justamente num momento em que o trabalho passa a ter valor enquanto “status social”.

O movimento feminista na década de 1960 foi bastante influenciado por publicações como “O Segundo Sexo” (1949) de Simone de Beauvoir passa a defender que a hierarquia entre os sexos não é uma fatalidade biológica e sim uma construção social. Além da luta pela igualdade de direitos, incorpora as raízes culturais das desigualdades. Este movimento feminista conseguiu várias mudanças nas sociedades ocidentais como: o direito ao voto (para as mulheres); o crescimento das oportunidades de trabalho para mulheres e salários mais próximos aos dos homens, muito longe ainda de oportunidades e promoções equiparadas; o direito ao divórcio; e o controle sobre o próprio corpo em questões de saúde, inclusive quanto ao uso de preservativos. Por emancipação feminina entende-se não só a necessidade intelectual, mas também a física e moral. Com o avançar das mentalidades liberais, surgem, no século XX, a luta pela emancipação sexual, assumindo, portanto, a paixão erótica.

No século XIX, a sociedade passou por várias transformações, permitiu novas formas de convivência social, deu “liberdade” para aderir de novas concepções de vida; inclusive a maneira de viver na família e na vida doméstica, nasceu uma nova mulher, uma mulher com uma nova visão de amor, um amor de corpo e alma, um amor concreto, e, portanto, uma mulher que se entrega facilmente a sensualidade. As mulheres machadianas, descritas em seus romances a partir de 1881, passam a viver sentimentos ambíguos, ciúmes, triângulo amoroso, casamentos por conveniências e relações amorosas tediosas, diferentemente de 1ª fase do Realismo, onde Machado ainda estava preso a algumas características do Romantismo. No entanto para analisar melhor a obra é de fundamental importância conhecer um pouco da vida do autor. Então Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de junho de 1839, filho de um mulato e uma lavadeira portuguesa, passou a infância no morro do Livramento. Após os estudos elementares, dedica-se a vários empregos

menores a fim de ajudar no sustento da família. Em 1858, transfere-se para a tipografia de Paula Brito, tava contacto com alguns expoentes literários do tempo, e encontra estímulo para continuar escrevendo. Após um ano, foi trabalhar no correio Mercantil, como revisor e colaborador. Mais tarde, é nomeado primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Quando consegue estabilidade econômica e doméstica entrega-se a vida literária. (Moisés, 1971)

Martos (1980) revela que Machado de origem humilde, órfão desde cedo, gago e epilético, funcionário público, tímido e reservado, modelo de autodidata, transformou-se no maior prosador das letras de ilusão ficcional, psicólogo, sociólogo e filósofo, um verdadeiro artista, inventor e crítico irônico das paixões das personagens. Fundou a Academia de Letras e participou de duas fases da literatura. Na fase romântica, utilizou alguns princípios da escola romântica, mas, sem exageros sentimentais, já utilizando características próprias; e a fase realista com idéias realistas, exaltando o conceito da “arte pela arte” e assumindo uma postura filosófica e pessimista. Apesar de coroado de glória e admiração, sofre d’ mágoa profunda de perder Carolina, e principia a morrer. Apenas a Literatura lhe ameniza a solidão irremediável.

De acordo com Martos (idem), em Machado de Assis, as características do Realismo considerado um estilo literário que procurou adequar os métodos de trabalho da ciência à criação artística como: o materialismo demonstrando os interesses da sociedade, o casamento por interesse, moça pobre com moço rico, no caso Capitu e Bentinho respectivamente; o determinismo presente na promessa de D. Glória para Bentinho ser padre, mesmo sem vocação sacerdotal, apenas para fazer cumprir as determinações da família; o anti-romantismo onde a mulher é tratada como real, com virtudes e desejos carnavais, o amor carnal, concretizado; a revelação de aspectos econômicos, sociais e psicológicos a fim de justificar os comportamentos dessas personagens.

Segundo Proença Filho (2002) a ficção de Machado de Assis garante permanência e atualidade, retratando o passado, o presente e o futuro através de textos multissignificativos; ousa escrever, a partir de sua vivência sobre o ser humano e a realidade do seu tempo, revelando-se em outras épocas a vida do ser humano e seu contexto histórico. Sua temática envolve o amor, o ciúme, a morte, a afirmação pessoal, o jogo da verdade e da mentira, a cobiça, a vaidade, a relação entre o ser e o parecer, as oscilações entre o bem e o mal, o conflito entre o absoluto e o relativo. E ler seus romances e contos, é um prazer e um aprendizado. Sua obra classificada de ficção não é de fato o retrato do que acontece na

sociedade da época, apesar da verossimilhança com alguns fatos da realidade, é resultado da sua criatividade em produzir textos que suscite curiosidades sobre as mazelas sociais com detalhes. Machado consegue atingir dimensões de universalidade, a partir de sua imaginação e criatividade, as personagens criadas ultrapassam os limites individuais, para se converterem em metonímias do ser humano brasileiro e ocidental. Usa uma linguagem altamente polissêmica que segundo o próprio Machado "Sem descuido, nem artifício: arte."

De acordo com o autor (idem), Machado dribla a linguagem conduzindo a narrativa como um todo, em bloco, por personagens, que contam a sua própria história e a comentam; permitindo perceber no espaço escondido, entre a narrativa e a narração, na relação entre esta e a ação, a presença da denúncia de mazelas humanas e sociais. Trabalha diversos temas ao mesmo tempo, como: duvidoso adultério, o ciúme, a dúvida, o ressentimento, a fratura do resgate, a fatalidade da condição infeliz do ser humano, a ambigüidade do fazer do romance, a dissimulação do erotismo feminino, o desvendamento da prática jurídica, a morte com humor.

Bosi (1994) afirma que Dom Casmurro se constitui numa tragédia perfeita "Bentinho-Capitu-Escobar", vivendo destinos em grandeza, retratando o amor-próprio dos homens e o arbítrio da fortuna para reconstruir na ficção, os labirintos da realidade. Em seus escritos literários, especialmente em Dom Casmurro faz voltar o estilo das memórias, quase póstumas: "O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegue recompor que foi nem o que fui. Eu tenho, se o resto é igual, a fisionomia é diferente. Se me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que pude; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo". (Assis, 2002, p.17)

Machado de Assis apresenta os três momentos cruciais no livro: o encantamento, namoro de Bento com Capitu, o desencantamento, Bento fica desapontado com Capitu por causa dos ciúmes doentios dele e a evocação do mal quando Bentinho exila a família para fora do país, mulher e filho pensando ter sido traído por Capitu e Escobar, ao ponto, de acreditar ser Ezequiel filho de Escobar e não seu.

Para Moisés (1971), a ficção de Machado de Assis deixa suspense na questão das atitudes de Capitu. Não se sabe ao certo o que acontecera. Alguns capítulos podem fornecer elementos para encaminhar uma análise do problema. No primeiro capítulo, Capitu se revela do tipo autoritário e determinado: Vejamos num diálogo entre ela e Bentinho "Que tem, tem,

interrompeu Capitu” (p. 70). Firmeza de adulto, disse-ia que os olhos indecifrável caracterização acentuam e encobrem: “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, “olhos de ressaca” (p. 71). Os olhos de ressaca estão sendo comparados com uma onda cava e profunda que ameaça avançar e tudo tragar, inclusive o narrador da história, o próprio Bentinho. Observa-se que o autor se apossa de breves palavras para escrever o pormenor físico que mais metáforas têm desencadeado através dos tempos. A maestria do escritor reside na concisão, que não empobrece o significado do objeto, antes, enriqueceu-o descobrindo-lhe matizes novas e indefiníveis. Por meio deles, ficamos sabendo que se trata de uma psicologia complexa, disfarçada, dotada de um “fluido misterioso e enérgico” (idem *ibidem*).

Machado de Assis possibilita aos leitores a descoberta do erotismo oculto de sua personagem Capitu, através de atitudes e expressões que demonstram esse erotismo. Vejam: “Vamos ver o grande cabeleireiro”, disse-me rindo. Continuei a alisar os cabelos, com muito cuidado, e dividi-os em duas porções iguais, para compor as duas tranças. Não fiz logo, nem assim depressa, como podem supor os cabeleireiros de ofício, mas devagar, devagarinho, saboreando pelo tato aqueles fios grossos que era parte dela. ...” “Os dedos roçavam na nuca da pequena ou nas espáduas vestidas de chita e a sensação era um deleito...”. “desejei penteá-los por todos os séculos dos séculos, tecer duas tranças que pudessem envolver o infinitivo por um número inominável de vezes”. (p. 73). Capitu derreou a cabeça de tal forma que, “ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu descí os meus, e...Grande foi a sensação do beijo”. (p. 74). “Mãe, olhe como este senhor cabeleireiro me penteou; pediu-me para acabar o penteado, e fez isto. Veja que tranças!” (idem *ibidem*).

“Bentinho narra um momento importante entre ele, e Capitu, que na época, refletia grandes sensações “eróticas”, vejam.

“Voltei-me para ela: Capitu tinha os olhos no chão: Ergueu-os logo, devagar, e ficamos a olhar um para o outro... Confissão de criança, tu valias bem duas ou três páginas, mas quero ser poupado. Em verdade, não falamos nada: o muro falou por nós. Não nos movemos, as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundido-se. Não marquei a hora exata daquele gesto. Devia tê-la marcado; sinto a falta de uma nota escrita naquela mesma noite, e que eu poria aqui com os erros de ortografia que trouxesse, mas não traria nenhum, tal era a diferença entre o estudante e o adolescente. Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amor; tinha orgias de latim e era virgem de mulheres.”

Outra expressão erótica no romance, para a época, é quando Sancha ergue a cabeça e olha para Bentinho com tanto prazer que Bentinho a deseja, se não fosse às relações dela e Capitu, mas diante disso beija-a apenas na testa. Entretanto, os olhos de Sancha não convidavam a expansões fraternais, pareciam quentes e intimativos, diziam outra coisa, e não tardou que se afastassem da janela, onde eu fiquei olhando para o mar, pensativo.

Assim, o sensualismo e o erotismo estão presentes na leitura das entrelinhas da protagonista do romance Dom Casmurro, por que Machado faz um jogo que compromete a identidade psicológica de suas personagens, além da tendência em analisar os costumes da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance Dom Casmurro de Machado de Assis, narrado no século XIX os costumes da época em relação ao século XXI eram bastante diferentes, portanto, o que poderia ser descrito como erotismo na personagem Capitu, do referido romance, seria hoje, meras atitudes de insinuações do interesse pelo outro. No entanto, Capitu foge ao padrão estabelecido na época.

Verifica-se que no Realismo a mulher não era mais idealizada, mas, com um corpo e alma, querendo exibir sua sensualidade. Porém, tolhido de seus desejos e encantos por uma sociedade repressora e de falso moralismo..

Contudo, foi muito bom discutir e suscitar o tema erotismo de Capitu, sem o mesmo tabu, que existia no século XIX, porém, foi bastante significativo proceder esta investigação bibliográfica, podendo analisar toda a obra em especial as atitudes ousadas de Capitu, para a época em que foi escrito o romance. Uma experiência satisfatória, pois contamos com a orientação da professora orientadora e com uma boa referencia bibliográfica para leituras e fichamentos.

Acreditamos que outros trabalhos serão desenvolvidos e que este artigo contribua para o enriquecimento de professores, pesquisadores e pessoas que se dispuserem a lê-lo.

REFERÊNCIA

ANDRADE, Jesuíno Aparecido & Rita Nereida de Oliveira. Personagens Femininas na obra Machadiana disponível em http://www.portuguesdobrasil.net/pdf/personagens_inas_machado.pdf

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo. Ed Abril.. 2000, P, 25.

ASSIS, Machado de. **A Desejada das Gentes e Outros Contos**. São Paulo, Moderna, 1997

FERNANDES, Miriam Munhoz. **O papel da mulher na sociedade brasileira: da sociedade colonial aos dias atuais**. http://www.monteirolobato.com.br/material/palestra_miriam.doc. Ano. 2002.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. São Paulo. Ed. Schmidt.1933.

machado@machadodeassis.org.br. Espaço Machado de Assis / Centro Cultural da ABL / Av. Presidente Wilson, 203. Rio de Janeiro RJ 20030-021 / Tel.: (0xx21) 3974 2500 Ramal 2510 .

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira através dos textos**. São Paulo. Ed. Cultrix. www.mulherumuçulmana.com.br

PROENÇA FILHO, Domício. Série Depoimentos. **Artigo espaço de Machado de Assis**. 31/01/2002. site

RAMOS JÚNIOR, José de Paula. Machado de Assis o lince. **Discutindo literatura**, São Paulo, a. I, n. 4, p. 30-39, 2005.

SAMUEL, Roger (org.). **Manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 1997

TEDMON, Daniel. Fiminismo" <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo>. 10h 45 min. 2007.